

ilustrada



Mulheres da tribo Zo'e, na Amazônia brasileira

a origem das **ESPÉCIES**

Sebastião Salgado apresenta **“Genesis”**, projeto que consumiu oito anos e **R\$ 20 milhões** no registro de tribos e paisagens isoladas

FERNANDA EZABELLA
ENVIADA ESPECIAL A LONG BEACH (EUA)

Os olhos azuis de Sebastião Salgado já viram de tudo neste mundo (e isto talvez não seja exagero). Por oito anos, o fotógrafo mineiro de 69 anos viajou por mais de 30 regiões extremas do globo coletando imagens de dezenas de tribos isoladas, animais em extinção e paisagens raras.

Ainda assim, ele parecia nervoso ao encarar os 1.400 ouvintes do TED, uma conferência exclusiva sobre tecnologia, artes e educação, na semana passada, na Califórnia.

Salgado tem menos de 18 minutos para explicar o projeto “Genesis”, que consumiu 1 milhão de euros por ano (R\$ 2,6 milhões) e vai resultar em livros, um documentário com Wim Wenders e uma série de exposições idênticas com 250 fotos em preto e branco cada. A primeira abre no dia 11 de abril em Londres e, no dia 28 de maio, chega ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

“Queremos criar um pequeno movimento em torno destas fotografias para provocar um debate sobre o que precisamos preservar”, ele diz, levantando sua bandeira ecologista, ativismo que realiza com seu Instituto Terra.

Mesmo depois de tantos lugares exóticos, Salgado, que mora em Paris, ainda tira suas folgas no Brasil. “Ah, férias eu passo em Vitória.” Leia trechos da entrevista que ele concedeu à **Folha**.

Viagem mais fria

Fiz uma viagem de sonho com os Nenets, na península do Yamal (Rússia). São nômades criadores de rena que vivem num inverno extremo. Era primavera e fazia entre -35°C e -45°C. Por 40, 45 dias, fiquei sem me lavar. Eles não se lavam, não têm água. A água que têm é quebrando um pedaço de gelo e colocando na panela para aquecer. Para fazer as necessidades, é do lado de fora. Você abaixa sua calça neste frio e seus testículos ficam do tamanho de uma castanha de caju, entende? [risos] Mas você acaba se adaptando.

Casaco de raposa

As roupas que levei funcionavam, sim, mas durante três, quatro horas. Passávamos 12



Elefante corre ao ouvir carro se aproximar, na Zâmbia

horas do lado de fora. Eles desmontavam a casa e não tinha mais onde ficar. No segundo dia, estava morrendo de frio. Ai eles me emprestaram suas roupas, feitas manualmente, para não passar frio nenhum.

Prevenção

No norte da Etiópia, fizemos uma caminhada de 800 km pelas montanhas. Organizei uma expedição com vários jumentinhos. Tinha um corredor de maratonas etíope que levou meu material mais sensível. Tinha um telefone por satélite e, no caso de acidente, seríamos retirados por helicópteros da Força Aérea. Não aconteceu nada. Em oito anos, só tive acidentes pequenos, malária e várias doenças.

Idade da Pedra

Encontrei tribos que ainda estão na Idade da Pedra, com instrumentos de trabalho como machados de pedra. São clãs com cerca de dez, 12 pessoas vivendo no alto das árvores. Eles já tinham visto um branco. Viram a direção de que eu vinha e o chefe me perguntou se eu fazia parte do clã de brancos que vinham daquela direção. Porque, para eles, o mundo é construído de clãs.

Flechas brasileiras

Estive com o grupo Zo'e, lá no Brasil, que foram contactados 15 anos atrás e estão num estado de pureza total. Você vê o cara trabalhando numa flecha. Ele esquentava, põe peso, põe pena mais reta se quer a flecha mais rápida, pena mais redondinha para ficar mais lenta. É exatamente a ciência dos foguetes. E tem o mesmo problema do Cabo Canaveral [base aérea dos EUA] para recuperar o foguete. Ele perde a flecha se não tiver um cálculo balístico perfeito. Ele sai para caçar com mais ou menos dez flechas, não mais que isso.

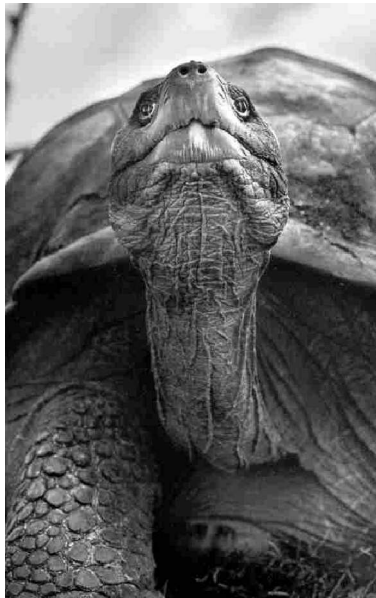
Documentário

Meu filho Juliano [Ribeiro Salgado] viajou comigo em cinco histórias, como no Brasil e na Sibéria. Agora está montando o filme em Berlim com Wim Wenders. Wim foi lá em casa, no Instituto Terra, em Aimorés (MG), filmar tudo [o filme terá codireção de Wenders e Juliano, com pré-estreia no Festival de Veneza, em agosto].

NA INTERNET
Leia íntegra da entrevista
folha.com/no1241588



Pinguins em iceberg próximo ao extremo Sul do planeta



Tartaruga gigante próxima a vulcão nas Ilhas Galápagos

Livro terá edição de luxo e outra a preços populares

DA ENVIADA A LONG BEACH (EUA)

Para acompanhar as exposições do projeto “Genesis”, a editora Taschen vai publicar um livro-catálogo com 520 páginas e cerca de 500 fotos, divididas, como as mostras, em cinco regiões, ao preço “popular” de 54 euros (R\$ 137).

“Benedikt Taschen [dono da editora] me jurou que vão fazer o mesmo preço no Brasil”, disse Salgado. “Porque existe uma necessidade de lucro imensa das distribuidoras brasileiras, e os livros acabam chegando ao Brasil muito mais caros do que lá fora.”

Já para colecionadores, haverá duas opções. A mais cara terá 704 páginas e design do arquiteto japonês Tadao Ando, com a caixa do livro virando uma mesa. Haverá quatro edições de cem livros, com a primeira ao preço de 5.000 euros (R\$ 13 mil).

“Tenho quase certeza de que vai terminar [com a última edição vendida] saindo por 15 mil euros [R\$ 38 mil]”, disse. A segunda opção será uma versão menor por 2.500 euros (R\$ 6.500) e edição de 2.500 cópias.

A ideia dos livros de luxo foi concebida pela mulher e parceira do fotógrafo, Lélia Wanick Salgado. Começa com imagens do inverno e das partes mais frias do planeta, como Antártica e Ártico.

“E, conforme o ano vai esquentando, as fotografias entram nos trópicos. Ao final, volta para o inverno”, explica Salgado. “É uma viagem.” (FE)

“Encontrei tribos que ainda estão na Idade da Pedra. São clãs vivendo no alto das árvores. Viram a direção de que eu vinha e o chefe me perguntou se eu fazia parte do clã de brancos. Porque, para eles, o mundo é construído de clãs

SEBASTIÃO SALGADO